

Recensão de “*A Abelha da China*” nos Seus 200 Anos: Casos, Personagens e Confrontos na Experiência Liberal de Macau

RODRIGO BARROS*

RESUMO: Resenha crítica do recente livro (2022) sobre *A Abelha da China* que inaugura a colecção de História da editora do Centro Científico e Cultural de Macau, da responsabilidade do jornalista e estudioso Hugo Pinto e do académico Duarte D. Braga. Série de estudos sobre o referido periódico, da autoria de Jin Guoping, Cátia Miriam Costa, Pablo Magalhães, Jorge Abreu Arrimar e Tereza Sena. Explica-se como este livro abre portas e novas perspectivas à história cultural e política de Macau.

PALAVRAS-CHAVE: Macau; *Abelha da China*; Jornalismo; História de Macau.

Este livro inaugura a colecção de História da editora do Centro Científico e Cultural de Macau, dirigida por Carmen Amado Mendes, e é da responsabilidade do jornalista e estudioso Hugo Pinto e do académico Duarte D. Braga. *A Abelha da China*, o que dizer sobre ela, além dos seus 200 anos, que ora transcorrem?

Trata-se de um jornal que nasce directamente dos efeitos da Revolução Liberal de 1820. Goa precede-o um pouco, com a *Gazeta de Goa* em Dezembro de 1821. Ambos os periódicos são filhos do primeiro projecto de lei sobre a liberdade de imprensa, que permitiu, enfim, que fossem publicados jornais nos territórios portugueses no Oriente e em África. Embora revogada a lei que proibia a imprensa periódica no Ultramar, tal facto, curiosamente, é pouco trabalhado pelos artigos, com excepção da introdução feita pelos organizadores. Contudo, textos como o de Pablo

*Rodrigo Barros é mestrando em Antropologia e investigador independente da cultura de Macau.

Rodrigo Barros is a master's student in Anthropology and an independent researcher on Macao Culture.

RECENSÃO

Este volume de estudos de diversas áreas das humanidades tem por foco o primeiro jornal de Macau em língua portuguesa. Imbuída das doutrinas liberais, *A Abelha da China* foi uma breve, mas intensa publicação periódica (1822-23) que veio dar corpo à ideia de que não há verdadeira liberdade sem imprensa e sem a liberdade desta.

Plenamente alinhada com os debates do seu tempo, o seu projeto seria tomado por outros agentes políticos. Todavia, o seu legado de insubmissão acabaria por vingar. Jornal que fez as vezes de boletim oficial, e também de arena de confronto político, não descurou uma dimensão cultural e até literária, pois trazia em si a missão de instruir os seus leitores e de denunciar a tirania absolutista que, mais tarde, em refluxo, se apoderaria do próprio jornal.

Assistimos também na *Abelha* às primeiras articulações de uma ideia de autonomia sempre ligada à oligarquia local. Nesse sentido, o jornal mostra também as alianças e os contactos múltiplos que o atravessam: com a China, onde sempre se enraizou, a Metrópole, o Brasil e Goa. Por entre as suas páginas circulam figuras e influências de todas as proveniências, mostrando como Macau se integrava plenamente nos movimentos políticos e culturais do seu tempo, e onde a comunidade chinesa se encontrava ativa face a eles. E daí os casos, as figuras e os confrontos que gravitam em seu torno, e que os ensaios de historiadores e críticos da cultura e do jornalismo dissecam nesta obra: Jin Guoping, Cátia Miriam Costa, Jorge Arrimar, Pablo Magalhães e Tereza Sena. Duzentos anos depois, este livro mostra um renovado interesse na história de Macau, na história do jornalismo na China e em língua portuguesa, na história sociopolítica e cultural do território. O pólen que a *Abelha* trouxe consigo – com seu trabalho e coragem – aqui está.

A Abelha da China nos seus 200 Anos: Casos, Personagens e Confrontos na Experiência Liberal de Macau

A Abelha da China nos seus 200 Anos

Casos, Personagens e Confrontos na Experiência Liberal de Macau



Coordenação

Hugo Pinto
Duarte Drumond Braga



Centro Científico e Cultural de Macau, I.P.
CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



UNIVERSIDADE DE MACAU
UNIVERSITY OF MACAU

Coleção História



"A Abelha da China" nos Seus 200 Anos. Casos, Personagens e Confrontos na Experiência Liberal de Macau. Coordenação Hugo Pinto e Duarte Drumond Braga. Centro Científico e Cultural de Macau, I.P. Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e Universidade de Macau. 2022.

Magalhães exploram o facto de outros jornais no mundo colonial português (como no Brasil) terem adoptado, não como influência deste minúsculo rincão de Macau, mas em simultâneo, nomes afins de *Abelha*, outras “abelhas”, demonstrando a partilha de uma mesma cultura e referências talvez maçónicas.

Os organizadores e os autores dos artigos — e é de destacar particularmente Cátia Miriam Costa neste caso — aderem à ideia de que, na linha do recentemente falecido José Augusto dos Santos Alves, que a *Abelha* foi um notório sinal de um novo

clima de liberdade. Lembram os organizadores: “*A Abelha da China* surge no seio de uma oposição política e, nesse sentido, é um clássico ‘quarto poder’ — de crítica, denúncia, escrutínio, mas também de defesa dos valores próprios do seu campo ideológico, através da instrução, bem como por contraponto à postura que desaprovava no campo oposto”.¹ Mas liberdade significa não apenas divulgação de informação, abertura ao debate, como também a criação de estruturas concretas que servem como lugares para esse debate. A *Abelha* foi isso mesmo, como os seus agentes claramente viram:

BOOK REVIEW

*Macao, assim como a Patria dos Affonsos, e o paiz do Cabral, já vio raiar em seu horizonte o astro brilhante da liberdade politica.*²

Lia-se na edição do dia 12 de Dezembro de 1822, onde se acrescentava ainda:

*[...] não pode haver governo livre sem prensa tambem livre, por meio da qual pudesse vulgarizar as suas deliberaçoens, e desta arte faselas chegar té ao simples Cidadão para que este querendo exercitasse a liberdade Civil de Cotejallas com a Ley, e sentenciar sobre a conformidade, ou desconformidade com esta, bem como para que cada hum pudesse livre, e francamente produzir em público as suas opiniões politicas.*³

Havia poucos trabalhos disponíveis sobre este jornal. José Santos Alves e alguns textos de João Guedes constituíam honrosas excepções. A situação mudou com este rico volume, que representa, depois do já referido Guedes e de Daniel Pires (que incompreensivelmente, não está neste livro) a grande contribuição bibliográfica sobre este assunto. Foca-se, todavia, não apenas no jornal, mas (o título indica-o) num conjunto de personagens, casos e confrontos que gravitam em seu entorno. Confrontos há vários: entre absolutistas e liberais, entre o ouvidor Arriaga e os seus múltiplos inimigos, entre os quais Paulino Barbosa. Estas duas figuras mais conhecidas são aqui objecto de análise, no texto de Arrimar e de Magalhães, por exemplo. Já Tereza Sena pega na figura de António dos Remédios, curioso chinês convertido. Barbosa, figura algo obscura pelo reduzido interesse que despertou junto à historiografia, tem a curiosidade de ser brasileiro. Já o ouvidor, sem grandes revelações, foi o homem a quem chamavam um rei, pela forma despótica como governava Macau, metendo-se em todas

as matérias. Foi, de facto, o antagonista desta história — o antagonista da *Abelha*. Arrimar dá-lhe toda a atenção.

Já o Prof. Jin Guoping mostra como a *Abelha* atraiu as atenções dos chineses desde os anos 90 do século passado, altura em que se começaram a publicar os primeiros estudos como de Wu Zhiliang, de Camões C. K. Tam, em que os académicos destacam a qualidade de primeiro jornal, no sentido mais moderno deste termo, publicado em território chinês. Avulta a necessidade de conhecer um periódico que fez as vezes de boletim oficial, e por isso de grande relevância também para a comunidade chinesa. Mas a parte mais relevante do artigo de Jin, e que promete ter efeitos profundos na comunidade chinesa interessada nestes assuntos, é a nova tradução do título do jornal que propõe (*Huafeng zhoubao*), já que, segundo ele, outras que o precederam não seriam as mais correctas, incluindo a canónica *Mifeng Huabao*.

Costa centra-se sobretudo em demonstrar como a *Abelha* inaugura uma esfera pública em Macau que, como é próprio do liberalismo, se centra em criar correntes de opinião, e na mediatização da informação, sem esquecer a necessária reflexão sobre o conceito de imprensa colonial que é revelado pelo jornal, simultaneamente cristalizador do poder metropolitano, mas também abrindo brechas na sua sistematicidade, considerando as ambiguidades do jornalismo colonial. Assim, este “periódico macaense em língua portuguesa abre esse caminho para a criação de uma ligação intra-imperial e extra-imperial, também característica de outras colónias. A citação de notícias ou referência a jornais de língua portuguesa e de jornais de outros impérios coloniais demonstra como a produção e a recepção ganham essa dimensão de conectividade, sobretudo, através da circulação dos exemplares”.⁴ Este é, na verdade, o artigo do volume com maior densidade teórica, sendo os outros essencialmente artigos historiográficos puros e duros. Os restantes

RECENSÃO

textos dizem mais respeito a personagens circulando em torno do jornal, mais directas ou mais indirectas como António dos Remédios. Cátia Miriam Costa é também a única que faz uma leitura do jornal peça a peça, reflexão necessária e que estava por fazer.

De Pablo Magalhães é o texto “Edição e Sedição em Macau: Paulino da Silva Barbosa e o Jornal *A Abelha da China* (1822–1823)”, inteiramente dedicado a esta figura, descobrindo documentação do período anterior e posterior à sua estada em Macau dizendo respeito ao Baiano que veio a desempenhar um papel muito importante no Governo de Macau. É um momento em que o império colonial português é regido a partir do Rio de Janeiro e em que há naturais do Brasil nas colónias portuguesas e em cargos de chefia. A razão pela qual Paulino Barbosa veio a ser pouco estudado é, como lembram os organizadores, a seguinte: “A história é escrita pelos vencedores, e os laboriosos redactores de *A Abelha*, pesasse embora estarem do lado da tendência que o tempo iria validar, acabaram por sair como os derrotados da sua particular história”.⁵ Mas um aspecto importante é o impacto que este texto de Pablo pode ter para uma revisão dos próprios caminhos da historiografia brasileira, que descurou estas redes, preocupada que estava com um nacionalismo metodológico: “Após a Independência do Brasil em 1822, a historiografia brasileira do século XIX ocupou-se, contudo, em criar uma História nacional, seleccionando episódios e personagens estratégicos para florir um discurso histórico pátrio. Naquele contexto, as relações políticas entre a América portuguesa e os territórios lusos no Extremo Oriente desapareceram das efemérides nacionais. Na concepção historiográfica nacional oitocentista, um jornal publicado na Ásia não guardaria nenhum interesse para a história do Brasil”.⁶ Outra dimensão interessante do seu texto são as várias ligações a maçonaria: na figura de Paulino, no título do jornal, na formação de quadros em Macau, nas escolas e na igreja, e releva ainda

a invulgar consulta de fontes inglesas e de língua alemã sobre as convulsões em Macau nesta época.

Jorge Abreu Arrimar, autor de um artigo incluído neste volume sobre o ouvidor Arriaga, e sobre o seu imenso poder, começa por deixar claro que “De uma forma geral, tudo quanto era Administração se encontrava na dependência do Ouvidor”.⁷ Mas ambição desta figura era desmedida, chegando mesmo a criar, como mostra Arrimar, impostos particulares sobre certas mercadorias como o ópio, que revertiam directamente para o seu bolso. Este poder absoluto só vai começar a ser posto em causa nos seus últimos anos de vida, justamente em torno do burburinho e da oposição dos liberais reunidos em torno de *A Abelha*. De qualquer forma, esta figura sinaliza a ascensão em Macau do poder do funcionalismo público de origem reinol, como remata o investigador: “Com a sua influência reconhecida a vários níveis e entre as diversas comunidades em presença, Arriaga viu o seu poder afirmado através de uma trajectória política de sucesso. Secundado pelos moradores seus aliados, Arriaga conduziu a um reforço do Estado e a um maior prestígio da autoridade do funcionalismo público, levando à afirmação de um grupo de *status* [...], identificado com o poder. Em termos sociológicos, este terá sido um importante momento de consolidação do poder e da relevância da comunidade macaense no complexo jogo entre a autoridade chinesa dos mandarins e a dependência da distante Coroa Portuguesa e do mais próximo, contudo ainda afastado, Governo do Estado Português da Índia”.⁸

Mas há outras vozes que ficaram mais na sombra. É aqui que entra o trabalho de Tereza Sena, que, no seu notável ensaio apresentado neste volume, utiliza *A Abelha da China* mais como recurso historiográfico alternativo, além dos documentos oficiais que repesca em outras fontes. Em concreto, a investigadora dedica-se à figura de um homem que contribuiu para o

BOOK REVIEW

ambiente político que serve de enquadramento ao aparecimento do jornal, António dos Remédios, o nome de baptismo deste chinês que viria a afirmar-se nos domínios dos negócios, como dono de navio, e da política, como vereador do Leal Senado. Neste texto detalhado e minucioso de reconstituição dos meandros das ligações entre o poder político e económico em Macau, ficamos a saber da lenta ascensão de um chinês converso e das disputas entre reinóis, naturais e macaenses (categorias por vezes com sentidos diferentes dos que hoje lhe damos, como no último caso). A este respeito, a autora nota que: “[...] *being Chinese, as we know by his baptism record, did not constitute*

an issue, nor is it mentioned anywhere. This indicates the real effectiveness of the religious factor as a means for national, political, social and even economic integration”.⁹ A real compreensão de um caso como este só será contudo, tida, como lembra a autora, quando houver uma “*social history of Macau, in a larger scale yet to be accomplished*”.¹⁰

Em síntese, este livro abre portas e novas perspectivas à história cultural e política de Macau, e é como importante marco nestas áreas que deve ser considerado, merecendo também o ser dentro dos estudos da imprensa colonial do Império Português, dos estudos de *media* e império, bem como dos estudos de tradução. **RC**

NOTAS

- 1 Hugo Pinto e Duarte Drumond Braga, coord., *“A Abelha da China” nos Seus 200 Anos: Casos, Personagens e Confrontos na Experiência Liberal de Macau* (Lisboa: CCCM, 2022), 9.
- 2 Pinto e Braga, *“A Abelha da China” nos Seus 200 Anos*, 29.
- 3 Pinto e Braga, *“A Abelha da China” nos Seus 200 Anos*, 8.
- 4 Pinto e Braga, *“A Abelha da China” nos Seus 200 Anos*, 25.

- 5 Pinto e Braga, *“A Abelha da China” nos Seus 200 Anos*, 10.
- 6 Pinto e Braga, *“A Abelha da China” nos Seus 200 Anos*, 38.
- 7 Pinto e Braga, *“A Abelha da China” nos Seus 200 Anos*, 68.
- 8 Pinto e Braga, *“A Abelha da China” nos Seus 200 Anos*, 70.
- 9 Pinto e Braga, *“A Abelha da China” nos Seus 200 Anos*, 104.
- 10 Pinto e Braga, *“A Abelha da China” nos Seus 200 Anos*, 104.

BIBLIOGRAFIA

Pinto, Hugo, e Duarte Drumond Braga, coord. *“A Abelha da China” nos Seus 200 Anos: Casos, Personagens e Confrontos na Experiência Liberal de Macau*. Lisboa: CCCM, 2022.